

Tempo de se comemorar 100 anos

Inaldo da Paixão Santos Araújo

Mestre em Contabilidade. Presidente do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, professor, escritor.
inaldo_paixao@hotmail.com

Gostaria de começar quebrando o protocolo. Afinal, evento de cem anos tem que inovar. Assim, a saudação inicial vai para aqueles que contribuem para que o Tribunal de Contas do Estado da Bahia (TCE/BA) seja referência em controle, os nossos servidores. E aqui neste seminário temos mais de 300 deles. Daí porque, em primeiro lugar, gostaria de cumprimentá-los. Vocês, além de serem especiais, são os verdadeiros responsáveis. Palmas para os meus companheiros de labuta.

Governador Rui Costa, permita-me chamá-lo sem o tratamento de excelência, pois sei que aquele que nasce, como dizia o nosso saudoso Conselheiro França Teixeira, "nas ruas da liberdade, mas não na liberdade das ruas", dispensa essas formalidades. O senhor tem feito um governo técnico notável. Muito obrigado por prestigiar o TCE/BA e por ter aceitado o nosso convite.

Presidente Deputado Marcelo Nilo, Vossa Excelência diz que a Casa do Povo é a "casa do contraditório", mas o senhor tem brilhantemente conseguido, há muito, da contradição, fazer a união.

Desembargador Eserval Rocha, Vossa Excelência é um homem simples e é com essa simplicidade que tem conseguido conduzir e transformar o Tribunal de Justiça do Estado da Bahia.

Procurador-geral Márcio Fabel, quanto invejo o Ministério Público pela sua capilaridade perante a população. Vossa Excelência, sem dúvida, tem sido um fiel combatente.

Prezado jovem prefeito Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto, alcaide da Primeira Capital. Ao provar que o novo sempre vem, o senhor faz um trabalho diferenciado. Salvador é outra sob o seu comando. Parabéns! Mas não se esqueça de Patamares.

Meus companheiros do dia a dia, caros conselheiros! E aqui, mais uma vez, quebro o protocolo. Não para saudar o mais antigo, mas sim, aquele que tem sido, por vias das vezes, o meu verdadeiro conselheiro, meu amigo, meu irmão Antonio Honorato. Serei sempre seu eterno admirador. Vossa Excelência é um homem do bem!

Conselheiro Pedro Lino, auditor de carreira como eu. Podemos divergir nas ideias e divergimos, mas não na crença de um Tribunal de Contas diferente.

Conselheiro Gildásio Penedo, Vossa Excelência, para mim, é uma grata surpresa. Nunca vi um Conselheiro tão estudioso, tão dedicado.

Conselheira Carolina Costa, veja o peso de sua responsabilidade: Vossa Excelência é a primeira representante do Ministério Público de Contas a ter assento no Tribunal de Contas do Estado da Bahia.

Conselheiro João Bonfim, lugar comum dizer que o sertanejo é forte. Mas não posso me omitir a dizer o quanto Vossa Excelência é forte, mas nas ideias, nos propósitos, no companheirismo, nas palavras.

E o mais novo Conselheiro, mas não menos experiente, já que a sua passagem na Casa do Povo como Administrador, como Superintendente, Conselheiro Marcus Presídio, é um prenúncio do quanto o senhor ajudará o Tribunal de Contas do Estado da Bahia a continuar no bom caminho.

Conselheiros Valdecir Pascoal, Sebastião Helvécio e Francisco Netto, eu os cumprimento em conjunto, pois sei que os senhores trabalham cada vez mais pela união dos Tribunais de Contas.

Procurador-geral de Contas Danilo Andrade, um dos mais talentosos profissionais do direito que conheço. Que, com orgulho, chamo de amigo.

Procurador-geral Paulo Moreno, presidentes e conselheiros dos Tribunais de Contas, demais autoridades, prezado palestrante e estrela do dia Laurentino Gomes, que fará hoje uma viagem pela história do Brasil abordando dois elementos atravancadores da máquina pública: a burocracia e a corrupção, meus amigos, minhas amigas, senhoras e senhores.

Este talvez seja o mais difícil discurso que fiz no âmbito do Tribunal de Contas do Estado da Bahia. E por que digo isso? Pela dificuldade de resumir em tão pouco tempo a trajetória de uma instituição secular. Sendo assim, pedi ajuda a Deus, aos Orixás, a Claudinha e a Cristiano – parceiros de todas as horas –, buscando inspiração para dizer o que o Tribunal de Contas foi, é e será.

Seria uma missão verdadeiramente impossível enfrentar sozinho esse audacioso desafio. Porém é extremamente prazeroso

falar da segunda Casa de Controle mais antiga entre os tribunais de contas estaduais. Principalmente por se tratar de um Estado que, como quis o destino, é o mesmo do patrono das Cortes de Contas: o baiano Rui Barbosa.

De início, impende registrar que o Tribunal de Contas do Estado da Bahia, na sua trajetória pré-constituição cidadã, contou com valiosos servidores e conselheiros. Sempre difícil escolher. Escolher é renunciar. Mas não poderia deixar de citar aqui, até porque neste ano de 2015, se vivo estivesse, ele faria também cem anos, o Conselheiro Jorge Calmon. Ele, sem dúvida, passou no Tribunal pouco tempo. Mas, como confessou, foi o lugar no qual ele mais aprendeu.

Sim, senhoras e senhores, o Tribunal de Contas do Estado da Bahia é um celeiro de aprendizado, é uma escola de controle. Tanto isso é verdade que desde 1988 somos credenciados pelo Banco Mundial como auditores de projetos co-financiados. De igual modo, a partir de 1994, pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Veja que falamos de 1988, de 1994 – século passado – e esse reconhecimento perdura até os dias de hoje.

Mas, já que menciono 1988, não posso deixar de comentar que esse ano também foi e é um marco para o controle brasileiro. Nele foi promulgada, em 05 de outubro, a nossa Constituição Cidadã – sétima da república – que redefine e separa a história do Tribunal de Contas. O constituinte de 1988 foi generoso com as Casas de Controle, quando ampliou em muito as suas atribuições. Precisamos, assim, cada vez mais, atender a esses anseios. Precisamos ser reconhecidos

como os verdadeiros defensores do dinheiro público.

Nesses últimos 30 anos, o Tribunal de Contas do Estado da Bahia não perdeu seu tempo, fez concursos, trouxe gente nova, investiu em tecnologia da informação e na capacitação de seus servidores, buscou experiências em outros tribunais, em organizações internacionais, firmou parcerias como, por exemplo, com o Governo Britânico. Celebrou convênios com os Tribunais de Contas de Portugal, Angola, Buenos Aires, Santa Fe, Bogotá, Peru, Timor Leste.

E além disso, vale citar, trilhou firme no caminho das auditorias, principalmente nas auditorias operacionais. Não por outra razão, o Conselheiro Sebastião Helvécio, Presidente do Instituto Rui Barbosa, muito me orgulhou quando publicamente afirmou que esta Casa de Controle nordestina é referência neste padrão diferenciado de fazer auditoria. Muito obrigado, mais uma vez, Conselheiro Sebastião Helvécio, por este elogio!

O Tribunal de Contas, hoje, procura rever procedimentos, repensar práticas, implantar o processo eletrônico, julgar tempestivamente as contas e mais do que o julgamento tempestivo, procura fazer auditorias nas quais a sociedade perceba imediatamente o impacto do trabalho realizado.

Ao assim me manifestar, lembro-me com saudades de um outro Conselheiro que, embora também tenha passado brevemente pelo Tribunal, deixou sua marca. Refiro-me ao Conselheiro Zezéu Ribeiro, que sempre me cobrava: "Inaldo, e a análise das políticas públicas?"

Senhoras e senhores, o nosso Tribunal de Contas do Estado da Bahia completa 100 anos, contudo sem perder a esperança. Esperança de fazer valer o sonho, o desejo de todos nós que é o de uma sociedade mais justa, menos desigual. Esperança de ver o bem e o justo sempre prevalecerem.

Não é minha intenção e, por isso, não vou preconizar aqui a utopia de acreditar que seja possível viver em uma sociedade sem práticas corruptas, por mais que esse seja o meu desejo. Não! A corrupção precisa ser combatida, mas, infelizmente, não creio que a sua extinção seja possível enquanto o homem, por ser humano, for susceptível a falhas. Por essa razão, gosto de afirmar e repetir que as instituições precisam ser fortes, sólidas e sedimentadas, pois os homens são frágeis. Eis o porquê de o controle ser necessário. É preciso ter alguém ou uma instituição que de forma independente, imparcial, justa, equilibrada, fundamentada, objetiva, contextualizada, de forma tempestiva e criteriosa, diga o que precisa ser feito. E esse papel, indubitavelmente, cabe, primordialmente, aos órgãos de controle.

Senhoras e senhores, ingressei no Tribunal de Contas do Estado da Bahia há 28 anos. Era menino e tinha os meus sonhos. Sonhei, e só Deus sabe o quanto sonhei em ser Conselheiro. Ser Presidente poderia até ser natural, mas confesso, sinceramente confesso, que não estava entre os meus desejos mais imediatos. Quis o destino e a generosidade dos meus pares, de forma unânime, que eu fosse eleito Presidente em 2013 para o biênio 2014-2015. Para estar aqui, hoje, com as senhoras e os senhores, com esta responsabilidade, com esta

envergadura de desafio de presidir o Tribunal de Contas justamente no ano do seu centenário.

Por isso, não medimos esforços para tentar fazer o melhor. Seja na recepção dos nossos servidores com música, após o período de férias, seja em uma simples caneta, uma agenda de trabalho, um pin. Mas sempre, sempre e sempre procurando enaltecer a marca do Tribunal de Contas e valorizar a sua missão basilar que é o controle. Os dois triângulos nas cores da Bahia, as duas barras de controle, porque é essa marca que nos identifica, que nos aproxima, é ela que nos faz sentir partes de um conjunto chamado Tribunal de Contas do Estado da Bahia.

De logo, os convido para, na sexta, no encerramento deste evento, nos darem a honra de participarem conosco do lançamento do nosso Livro de Ouro, no qual é contada a história do controle, do nosso selo comemorativo, este graças à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Todavia, o mais importante é que não nos esqueçamos de que, neste momento, precisamos continuar trabalhando, acreditando em um controle público diferente, diferentemente melhor e independente. Um controle que possa perdurar não por mais 100 anos, mas por toda a eternidade, porque, como disse, enquanto o homem existir, sempre haverá a necessidade de se ter o bom controle.

Muito obrigado! Aproveitem este seminário, que foi concebido com carinho para vocês. Aqueles que são de fora, aproveitem esta Terra de Óxum, aproveitem este território africano, que é meu, é seu, é nosso. Sim, "é tudo nosso" e, diferentemente do que diz uma determinada música baiana, também

deles. Aproveitem esta terra onde tudo se mistura à alegria, à fantasia, à harmonia e à poesia. Afinal, é tempo de se comemorar 100 anos.

Ao falar em poesia, mesmo sem ser poeta, confesso que gosto de recitar breves versos, pois procuro ser mais do que um contador de contas, e sim um contador de histórias, arriscando-me nos poemas. Assim, com minhas escusas, ousou compartilhar, portanto, a minha modesta experiência literária, pois resolvi, por um momento, fechar os meus olhos e imaginar – transver mesmo – em pouco mais de um minuto a trajetória de uma Instituição que hoje é secular.

Contei de um até cem
Saboreando, amando
Em 100 segundos
Vivi 100 anos
Como o Tribunal amadureceu!

Comemoremos com harmonia.
Isso não é utopia
O centenário de uma Casa
Rica sem riqueza
De incrível grandeza
Onde a justiça é a direção

Mas Inaldo, cadê a rima da poesia? Não precisa, pois nós estamos na Bahia, terra de amor. Ah, o amor, razão pela qual aqui tudo se transforma sempre, sem agonia e com magia, em alegria. E onde há alegria, há de reinar a poesia. Muito obrigado!